Políticas de escritas: um tecido de movimentos de leitura Em modos de apresentação

César Donizetti Pereira LEITE

Primeiros movimentos:

No número em que inicia seu 7º. Ano de publicação a Revista Acolhendo a alfabetização em países de língua portuguesa, apresenta uma novidade que a mantém como um periódico onde, desde sua origem, inciativas ligadas ao trabalho com a linguagem e com as múltiplas possibilidades de pesquisas, estudos e práticas que envolvem o campo da produção de sentido presentes em nosso universo educativo podem encontrar lugar.

Desta vez, destacamos que em nossas práticas educativas temos a cada dia encontrado mais e mais ações em que o corpo ganha destaque nos processos de aprendizagem, aquilo que Roland Barthes havia certa vez indicado e que muitas vezes vemos presentes em nossas escolas, aquilo que ele chamou de uma 'regressão' do corpo no ato de escritura, parece ganhar outras formas em muitas das ações educativas com crianças, jovens e adultos, a entrada da arte nos processos de alfabetização, não como mero instrumento de aprendizagem, mas como modo de produção de sentido já tem demonstrado avanço à potência do corpo e das suas possibilidades.

Ao menos nas últimas duas décadas o trabalho com a zooterapia e mais especificamente com a equoterapia tem apresentado praticamente uma contribuição importante em várias áreas do conhecimento como a Educação, a Psicologia, a Medicina, a Fisioterapia, a Terapia Ocupacional, Medicina Veterinária entre outras tem encontrado nestes tipos de iniciativa uma possibilidade de refletir acerca dos processos que envolvem

disciplinarmente e interdisciplinarmente os espaços dos sujeitos, apresentando contribuições bastante relevantes.

A Universidade de São Paulo, a partir da iniciativa de um grupo de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento desenvolve há seis anos uma experiência de trabalho com crianças um trabalho com base nos princípios da equoterapia e com aquilo que nesta prática tem um grande valor em termos de possibilidades de reflexão, a relação homem-animal. Sendo assim, este grupo inicia um novo onde estes temas devem aparecer e que tem como propósito a Equoterapia, assumindo como Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa à luz do conceito de espaço de criação (WINNICOTT, 1975).

Com relação à primeira delas, sabe-se que o cavalo é usado como recurso terapêutico para o desenvolvimento dos alunos em situação de dificuldade no aprendizado da língua portuguesa e como terapia para deficientes físicos e/ou mentais. Destaca-se também que o presente programa visa exatamente buscar elementos no "Mundo dos Cavalos" para lidar com o contexto das práticas educativas com as crianças, não apenas para beneficiar uma escola pública de ensino fundamental na cidade de São Paulo, mas também, para que possa servir de fonte de inspiração para as demais escolas do país, e quem sabe do mundo, que se deparam com o mesmo tipo de problema.

A Revista Acolhendo a alfabetização em países de língua oficial portuguesa (www.acoalfaplp.net) e as novas tecnologia de ensino (*blog* Alfabetizar virtual em www.alfabetizarvirtualtextos.wordpress.com e outros instrumentos da cibercultura) estarão a serviço deste projeto no sentido de divulgar material produzido no âmbito dos nossos ali realizados. Este número é o ponta pé inicial, então aqui encontramos novas iniciativas, esperamos que ela reverbere em outros cantos criando muitos ecos.

Outros movimentos:

Na atenção apaixonada que as sociedades escolarizadas dão ao aprendizado da escrita e à posição correta do corpo do jovem aluno, mais ainda que à perfeição do que ele escreve, transparece um valor fundamental: antes de ser o exercício de uma competência, o ato de escrever é uma maneira de ocupar o sensível e de dar sentido a esta ocupação. Não é porque a escrita é o instrumento de poder ou a via real do saber, em primeiro lugar, que ela é coisa política. Ela é coisa política porque seu gesto pertence à constituição estética da comunidade e se presta, acima de tudo, a alegorizar essa constituição (Rancière, 1996, p.7).

A epígrafe acima nos convida a muitos movimentos, entre eles vou destacar alguns, (1) o caráter político da escrita, (2) o lugar que o corpo ocupa no ato de escrever, (3) a ideia de que a escrita pode ser pensada como uma competência, (4) a ideia de que o político está em um campo não de um *instrumento de poder*, mas de *partilha do sensível*.

Tomarei estes princípios para indicar que, inevitavelmente não podemos negar que, de muitas maneiras, a escrita vem se constituindo em um campo político extremamente potente, que os espaços que os corpos ocupam na escrita recortam lugares que vão desde a criação de políticas públicas por governos de diferentes esferas aos fazeres concretos em sala de aula nas relações entre professores, crianças, jovens e adultos. Podemos de alguma forma assuntar que, tanto na esfera macro – das Políticas Públicas – como nas esferas micros – das salas de aula – o que se pensa sobre e em torno da escrita sempre cria formas de olhar para os modos que os sentidos deste saber produzem e para os modos e formas pelas quais estes saberes são experienciados no dia a dia.

O fato é que, neste território de *partilha do sensível*, vemos que o tema da escrita, vai, em diferentes épocas, ganhando ou assumindo distintos lugares dando a esta modalidade de linguagem um caráter singular de importância impar. Então, não importa se a princípio falamos da escrita, e da linguagem de um modo geral, na Antiguidade, na Idade Média ou na Modernidade, o que estamos sempre falando é de um tema que não encerra em si uma verdade, um único modo de pensar, mas que acena para um

caráter inconcluso sobre seu lugar e, nesta linha, os modos que lidamos com a escrita podem dizer muito sobre os modos que politicamente vivemos em sociedade.

Aqui, retomando Rancière, podemos afirmar que:

Pelo termo constituição estética deve-se entender aqui a partilha do sensível que dá forma à comunidade. Partilha significa duas coisas: a participação em um conjunto comum e, inversamente, a separação, a distribuição dos quinhões. Uma partilha do sensível é, portanto, o modo como se determina no sensível, a relação entre um conjunto comum partilhado e a divisão de partes exclusivas (RANCIÈRE, 1995, p. 7).

Quando tomamos estas ideias e as trazemos para nossa cultura, o que verificamos é uma verdadeira 'enxurrada de escritas' apresentando e sendo apresentadas cotidianamente, as escritas dos textos tradicionais do papel e lápis, as escritas dos textos publicitários ou informativos dos jornais, as escritas dos muros pichados, dos hipertextos da *internet*, dos sinais de trânsito, das imagens digitais. Escritas *em/de* mãos trêmulas de adultos e crianças em situação de aprendizagem procurando modos de ocupar um lugar, escritas das leis que ditam e produzem modos de ser, escrita das escrituras de textos sagrados – sejam eles religiosos ou acadêmicos – de textos profanos de poetas, de crianças, escrita de uma estrageridade que procura modos de e com o outro produzir sentido, produzir existência.

Este número da revista nos apresenta de alguma forma um caminho das variantes da reflexão acima apresentada. Podemos 'perambular' (o termo perambular aqui pretende trazer a ideia da 'leitura como travessia, como percurso, como espaço a ser percorrido) por discussões, que se apresentam em torno de olhares que perpassam desde a educação de adulto até o trabalho com as *TICs*, passando por olhares em torno das políticas públicas como é o caso da avaliação. Enfim, o número é um convite a pluralidade dos modos e das formas que as reflexões sobre a escrita e como ela pode e deve ser pensada hoje.

Para tanto o leitor encontrará, no texto de Letícia Borges de Oliveira, "A alfabetização no Mobral, métodos e materiais didáticos (Uberlândia/MG, 1970-1985)" uma reflexão sobre *o processo de implantação e desenvolvimento do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) na zona rural do município de Uberlândia/MG (1970-1985)*. Recorrendo à pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental, a autora analisa Cartilhas do Mobral utilizadas no cotidiano da prática das professoras no campo e na cidade identificando ideias antagônicas entre campo e cidade no material didático.

Em, PROALFA (MG): Avaliação da alfabetização, em larga escala, no Brasil, Karina Fideles Filgueiras, contextualiza o Programa de Avaliação da Alfabetização do Estado de Minas Gerais – PROALFA (MG), tanto no cenário das avaliações tanto no âmbito internacional, nacional e estadual, indica que no Brasil, várias são as avaliações em larga escala realizadas nas diferentes instâncias que se apresentam em todos os segmentos de ensino produzindo um cruzamento de dados quantitativos com dados qualitativos buscando assim captar as especificidades regionais e por escolas de seus respectivos contextos de produção do ensino-aprendizagem.

No texto "Leitura: extensão de mundo" Fátima Benevenuta e Walquíria Amorim dicutem a importância da leitura utilizada na escola e fora dela destacam que a leitura continua sendo um dos meios mais utilizados pelo homem para inserir-se no próprio mundo. Aponta que esta importância se manifesta tanto nos meios da comunicação como nas possibilidades de transformação de muitas das dimensões da vida, isto desde os modos mais instintivos de leitura às práticas de leituras digitais. Da mesma forma, o texto Formação educacional e profissional e sucesso no mercado de trabalho: o caso dos imigrantes portugueses na Holanda de Silvana Fernandes Lopes apresenta um estudo sobre a temática da importância da formação na preparação do sujeito para o mercado de trabalho e o artigo de Chew Fong Peng sobre a importância das TIC na

relação de ensino e aprendizagem em uma outra língua indicam o caráter plural e definitivo da linguagem na educação e nas práticas educativas em nossa cultura.

Para finalizar este número a Revista trás duas entrevistas, uma com Ives Lenoir e outra com Maria da Glória Amaral, em ambas o que podemos verificar é uma forte sobre os fazeres na educação e nas aprendizagens tanto nas práticas formativas dos educadores, como nas práticas concretas com a criança em processos de aprendizagens.

O que vemos como certa cumplicidade destes textos, não são propriamente as referencias teóricas de um mesmo escopo conceitual, nem uma unidade temática, não vemos uma coerência estilista, mas sim, a cumplicidade que se produz no interior destas reflexões que seguem, são as formas de dizer de quem, os autores, se envolve com uma mesma preocupação, a de, ao dar forma as diferentes pesquisas, aos diferentes relatos e preocupações, ir compondo um campo onde os sentidos podem ser produzidos, partilhados, distribuídos, onde encontramos um modo de fazer uma política de escrita, uma política da escrita. Fica aqui o convite.

Referência Bibliográfica:

RANCIÈRE, J. Políticas da Escrita. Editora 34, Rio de Janeiro RJ, 1995.

Autor

César Donizetti Pereira LEITE

Professor Adjunto do Departamento de Educação Programa de Pós Graduação em Educação. Programa de Pós Graduação em Educação Matemática UNESP Rio Claro.

Contato: mvhleite@uol.com.br e cesar@rc.unesp.br

Como citar este texto:

LEITE, C. D. P. Políticas de escritas: um tecido de movimentos de leitura — Em modos de apresentação. **Revista Acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa**, Brasil, São Paulo, volume 1, nº. 13, pp. 4 — 10, Set. 2012. Disponível em: http://www.acoalfaplp.net.

